

MARCO POSTAL

Vila Nova de Gaia. — Correspondente: O endereço da pessoa que pedes é rua Morais Soares, 69, 2.º, Dt.º, Lisboa.

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		94\$75
Madrid, cheque		2\$97
Paris, cheque		\$70,5
Suiza, cheque		\$378
Bruxelas, cheque		\$274
New-York, cheque		19\$60
Amsterdão, cheque		\$784
Itália, cheque		\$383
Brasil, cheque		\$235
Praga, cheque		\$58,5
Suécia, cheque		\$524
Austria, cheque		\$277
Berlim, cheque		\$467

TEATROS

Nacional. — A's 21, 15. — O Parafuso.
São Luís. — A's 21. — O Príncipe Orloff.
Ginásio. — A's 21, 30. — A Pelota do Gato.
Politeama. — A's 21. — O Centário.
Ápulo. — A's 20, 30 e 22, 30. — A Princesa Manuquin.
Eden. — A's 20, 45 e 22, 45. — Cabaz de Morangos.
Variedades. — A's 20, 30 e 22, 45. — Saricote.
Coliseu. — A's 21. — Companhia de Circo.
Salão Foz. — A's 15 e 20, 30. — Variedades.
Joaquim de Almeida. — A's 21. — Variedades.
Avenida Parque. — Diversões.

CINEMAS

Tivoli. — Avenida da Liberdade. — Olimpia. — Matinées e soirées. — Salão Central. — Praça dos Restauradores. — Chiado Terrace. — Rua António Maria Cardoso. — Cinema Condes. — Avenida da Liberdade. — Pathé Cinema. — Rua Francisco Sanches. — Salão Ideal. — Rua do Loreto. — Eden Cinema. — Rua do Alívio (Alcântara). — Cine Paris. — Rua Ferreira Borges. — Alhambra. — Parque Mayer. (Variedades). — Salão Lisboa. (Mouraria). — Cine Esperança. — (Rua da Esperança). — Domingos, terças, quintas e sábados, às 20, 30, animatógrafo. — Salão da Promotora. — A's 20 horas.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 93
TELEFONE N. 5353

Medicina, cirurgia e pedras. — Dr. Armando Narciso. — A's 9 horas.
Cirurgia, operações. — Dr. Bernardo Viar. — 4 horas.
Rins, vias urinárias. — Dr. Miguel Magalhães. — 10 horas.
Pele e sífilis. — Dr. Correia Figueiredo. — 11 e 15 horas.
Doenças nervosas, electroterapia. — Dr. R. Loff. — 12 horas.
Doenças dos olhos. — Dr. Mário de Matos. — 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos. — Dr. Mário Oliveira. — 12 horas.
Estômago e intestinos. — Dr. Mendes Belo. — 3 e 7 horas.
Doenças das crianças. — Dr. Enílio Paiva. — 2 horas.
Doenças das crianças. — Dr. Filipe Mano. — 12 horas.
Tratamento de diabetes. — Dr. Ernesto Roma. — 3 horas.
Dentes e dentes. — Dr. Armando Lima. — 10 horas.
Dentes e dentes. — Dr. Cabral de Melo. — 4 horas.
Raios X. — Dr. Aluísio Saldaña. — 4 horas.
Análises. — Dr. Gabriela Beato. — 1 hora.

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade
Escritório: Calçada do Combra, 38-A, 2.º

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Redidos à administração do A Batalha.

Cerâmica Portuguesa, Limitada

Por escritura de 11 do corrente mês, outorgada perante o notário Tavares de Carvalho, desta cidade, e celebrada entre Manuel Anjos Machado, como primeiro outorgante, Maximiano Alves, Domingos de Barros, Eduardo de Mendonça Belo, Vasco Mendonça e Francisco Hermenegildo da Silva Pinto, como segundos outorgantes, Mário da Silva Pinto, como terceiro outorgante, representando a firma Mário S. Pinto, Limitada, e Adolfo Nunes Cardoso e Henrique da Silva Pinto como quartas outorgantes, foi modificada a sociedade por cotas M. Machado, Limitada, desta praça, por admissão de novos sócios, substituição da firma, aumento do capital e outras alterações no pacto, nos termos e forma dos artigos seguintes:

1.ª A sociedade por cotas constituída por escritura de 19 de Março de 1923, nestas notas, e modificada por outra de 8 de Março de 1924, também nestas notas, continua a sua existência jurídica, sendo seus sócios, além dos segundos outorgantes e da firma representada pelo terceiro, os quartas outorgantes Adolfo Nunes Cardoso e Henrique da Silva Pinto.

2.ª Em substituição da firma M. Machado, Limitada, a sociedade adopta agora a denominação de Cerâmica Portuguesa, Limitada para todos os seus actos e contratos.

3.ª E' aumentado com a quantia de 30.000\$00 o capital social, que fica assim elevado a 163.000\$00. A importância do aumento corresponde à soma das cotas dos novos sócios, que são as seguintes:

Adolfo Nunes Cardoso, 25.000\$00.
Henrique da Silva Pinto, 5.000\$00.

Da cota do novo sócio Nunes Cardoso estão realizados 23.000\$00, que deram entrada em dinheiro na caixa social, devendo os restantes 2.000\$00 ser realizados ou entrar também em dinheiro até o dia 5 do próximo mês de Julho. A cota do novo sócio Silva Pinto está toda realizada por transferência de uma parte equivalente ao crédito que lhe tem na sociedade.

4.ª O artigo 8.º e seus parágrafos do pacto social ficam inteiramente substituídos pelos seguintes:

8.ª A gerência e administração da sociedade e a sua representação activa e passiva, tanto em juízo como fora dele, serão exercidas por um ou três gerentes, conforme for deliberado em assembleia geral dos sócios. Sendo um só gerente a assembleia que o eleger também elegerá um conselho fiscal composto de dois sócios.

§ 1.º Os gerentes, sendo sócios, ficam dispensados de caução.

§ 2.º Havendo na sociedade um só gerente, este só poderá assumir compromissos de vulto em nome da sociedade para isso tenha parecer favorável do conselho fiscal.

§ 3.º Na falta ou impedimento do gerente ou de qualquer dos gerentes, as suas atribuições serão exercidas por quem o conselho fiscal resolver.

§ 4.º O conselho fiscal reunir-se-á ordinariamente uma vez em cada mês, pelo menos, e extraordinariamente sempre que o gerente a isso o convide.

§ 5.º Quando em reunião conjunta do conselho fiscal e gerência não houver, sobre assunto de capital importância para a sociedade, unanimidade de votos, aquele que discordar da opinião da maioria poderá recorrer para uma assembleia geral de sócios desde que na respectiva acta declare que vai usar deste direito. E o mesmo poderá praticar o gerente que estiver em desacordo com os outros gerentes. Feita tal declaração ficará suspensa a execução de qualquer deliberação até que sobre o assunto se pronuncie a assembleia.

§ 6.º Todas as reuniões da gerência ou do conselho fiscal deverão constar de actas, nos respectivos livros, em que devem ser narrados todos os assuntos nelas tratados.

§ 7.ª A remuneração da gerência e do conselho fiscal será fixada pela assembleia geral quando da respectiva eleição, que será anualmente feita, podendo ser reeleitos para qualquer dos cargos alguns ou todos dos seus membros.

§ 8.ª O artigo 10.º fica inteiramente substituído pelo seguinte:

10.ª Os lucros líquidos que se apurarem em cada balanço terão a seguinte aplicação:

a) 5 por cento, pelo menos, para fundo de reserva legal;

b) As percentagens que forem julgadas convenientes para a constituição de quaisquer fundos de amortização ou previdência e para a remuneração da gerência e conselho fiscal;

c) O remanescente para ser distribuído pelos sócios na proporção das importâncias realizadas das respectivas cotas.

6.ª O § único do artigo 16.º fica substituído pelo seguinte:

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A
TODOS OS TRABALHADORES
Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MENSUAIS pagas enquanto for vivo.
Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL
Companhia de Seguros
Sede — Rua Garrett, 95 LISBOA
Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
DOENÇA E INVALIDEZ

NAO SOFRAM MAIS! Lotaria do Natal

Em 23 de Dezembro de 1926
Prémios maiores... 4:000.000\$00
1:200.000\$00
Bilhetes a 1.000\$00 e quadragésimos a 25\$00, cauteias a 6\$00. Pelo correio mais \$80.
Pedidos a
Campião & C.ª
116, RUA DO AMPARO, 116 LISBOA

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses
Exploração — Serviço do Movimento

Venda de aparas e resíduos de cortiça na estação de Lisboa-P.

Até ao dia 25 do corrente mês de Novembro, pelas 12 horas, esta Companhia receberá propostas em carta fechada, dirigidas à Direcção Geral em Lisboa, estação de Santa Apolónia, para a compra de aparas e resíduos de cortiça na estação de Lisboa-P., desde 1 de Dezembro de 1926 até 30 de Novembro de 1927.

No envolvimento das propostas, além do endereço, deverá indicar-se o seguinte:

Propostas para a compra de aparas e resíduos de cortiça na estação de Lisboa-P.

Os proponentes deverão estipular claramente o preço oferecido por quilo e terão de fazer a declaração de que se conformam com as condições abaixo designadas.

Todas as propostas que não satisfizerem as condições acima indicadas serão consideradas nulas.

As bases são as seguintes:

1.ª O arrematante obriga-se a mandar recolher, diariamente, por sua conta, todas as aparas e resíduos de cortiça que se encontram nos cais e linhas da estação de Lisboa-P., bem como nos lastros dos vagões que tenham servido a esses transportes.

2.ª Diariamente deverão os agentes que o arrematante encarregar desse serviço, fazer a pesagem de aparas e resíduos recolhidos, em presença de um agente da Companhia.

3.ª O pagamento será efectuado na estação de Lisboa-P., em seguida à pesagem das aparas e resíduos recolhidos.

4.ª — Ao arrematante serão fornecidos dois bilhetes de identidade a fim de serem utilizados por dois agentes seus para a entrada na estação de Lisboa-P., exclusivamente com o intuito de fazerem a recolha das aparas e resíduos de cortiça, constante na base 1.ª, devendo mostrá-los aos empregados da Companhia sempre que lhes sejam exigidos.

Lisboa, 12 de Novembro de 1926. — Pelo director geral da Companhia. — O engenheiro chefe da exploração — Lima Henriques.

ISQUEIROS
Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.
Pedidos a:
FRANCISCO LATTA
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

NINGUEM!! NINGUEM!!
deve comprar casacos para senhoras e crianças em peluches de lã, peluches de seda e de outros tecidos de lã modernos e sobretudos para homens
sem primeiro ver na
CASA MARIPOSA
RUA DOS FANQUEIROS, 87 a 91

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSIVEL AOS RICOS A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528, Escritório e Garagem: Rua Almirante Barroso, 21

MALETAS DE CABEDAL
em todas as qualidades e feitios, vendem-se a preços de fabricante
— EM —
A ORIGINAL
RUA DA PALMA, 266-A

Caminhos de Ferro do Estado ANÚNCIO

Concurso para admissão de praticantes de estação

Faz-se público que, nos termos do Regulamento respectivo aprovado por despacho ministerial de 25 de Fevereiro de 1923 e de harmonia com os §§ 1.º e 2.º do art. 153.º da Organização da Administração Geral dos Caminhos de Ferro do Estado, aprovada pelo decreto n.º 8.924, de 18 de Junho de 1923, está aberto concurso documental para admissão de praticantes de estação.

A este concurso serão admitidos todos os indivíduos que, até às dezasseis horas do dia 20 de Dezembro próximo futuro, o requerim perante esta Direcção e provem satisfazer as seguintes condições:

1.ª Ser português;

2.ª Não ter menos de quinze anos de idade nem mais de vinte completos;

3.ª Ter as suficientes condições físicas;

4.ª Ter cumprido a lei do recrutamento militar na parte que lhe for aplicável;

5.ª Não ter responsabilidade criminal nem ter sido condenado em pena infamante;

6.ª Ter exame de instrução primária do 2.º grau, ou habilitações oficiais equivalentes.

A satisfação à condição 3.ª será verificada pelo Serviço de Saúde destes Caminhos de Ferro, em data que oportunamente será anunciada aos interessados.

A satisfação às restantes condições terá de ser provada por meio dos seguintes documentos, devidamente autenticados: a 1.ª e a 2.ª pela certidão de nascimento (eor); a 4.ª pela cadereta ou resalva militar ou outro qualquer documento equivalente; a 5.ª pelo certificado de registo criminal; e a 6.ª pela certidão ou certidões das habilitações alegadas.

Conforme preceitos do supracitado § 2.º do art. 153.º da Organização de 18 de Junho de 1923, são preferidos para a admissão os filhos de empregados dos Caminhos

de Ferro do Estado e especialmente os órfãos, atendendo-se na escolha os bons serviços prestados pelos pais dos candidatos.

Os candidatos que forem admitidos à prática não terão direito a regalia alguma enquanto se conservarem nesta situação.

Lisboa e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, 18 de Novembro de 1926.

Pelo engenheiro-director, F. Cordovil Vaz Coelho.

Grande Lotaria do Natal a 23 de Dezembro

Prémio maior... 4:000.000\$00
imediatos... 1:200.000\$00

Única lotaria que rivalisa com a lotaria de Espanha

Não precisa de bilhetes — Mlt. ESCUDOS. Metos a 500 escudos e quadragésimos a 25\$00. Para a provincia acrece o porto ao correio

CAMBIO — Compra e vende as melhores peças do mercado notas, moedas nacionais e estrangeiras e coupons

Pedidos a D. E. Gouveia & Silva Suc: Manuel Nunes da Silva Henriques

84 — RUA DA ASSUNÇÃO — 86
Próximo à Rua de Ouro

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o **FERREOL**

Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00. Envia-se pelo correio à cobrança.

FARMACIA CUNHA
R. da Escola Politécnica 16 e 18 LISBOA

Lê o Suplemento de A BATALHA

—Estou perdido!... A guilhotina!...

A sr.ª Desmarais e a filha foram para junto dele, ergueram-lhe a cabeça pendida, e deram-lhe saís a respirar. Apenas ele recuperou os sentidos, entrou Gertrudes dizendo:

—O sr. Billaud-Varenne precisa falar ao senhor para um negócio urgente.

A notícia da visita do seu colega na Convenção pareceu reanimar o advogado. Um clarão de esperança lhe brilhou no olhar ainda há pouco quasi extinto. Ele ergueu-se bruscamente, dizendo consigo: Billaud deve já ter falado a S. Just. Se ele aceitar a minha proposta, estou salvo!

Depois, dirigindo-se à mulher e à filha, disse-lhes com voz rude:

—Retirem-se, que tenho de falar com o cidadão Billaud-Varenne sobre assuntos graves...

A sr.ª Desmarais e a filha retiraram-se, e o sr. Desmarais ordenou à criada que introduzisse no salão o cidadão Billaud-Varenne... Gertrudes saiu.

Os dois agentes de policia postados de sentinela estavam sentados ao pé da porta do salão.

—Recuperemos sangue frio, disse o advogado enxugando o suor que lhe inundava as faces. Billaud-Varenne é uma especie de monstro, talvez ainda mais perigoso do que Marat. Que resposta me trará ele? Se S. Just consentir em ser meu genro, já não tenho mais nada a temer... Mas senão... Oh! que inferno!

Billaud-Varenne entrou no salão: não era um monstro, como disse o advogado, mas um homem de convicções inflexíveis e duma probidade austera, possuidor duma certa fortuna; ele, imitando Lepelletier S. Fargeau, Héraut de Séchelles e outros cidadãos ricos, não recebia a indemnização concedida aos representantes do povo: dotado duma eloquência natural, muitas vezes arrebatadora, não tinha a revolução um patriota mais dedicado a ela e à República do que Billaud-Varenne. Trazia cabeleira negra, e casaco castanho escuro com botões de aço; ele respeitava a

sua posição pelo traje, como Robespierre, S. Just, Camilo Desmoulins e outros jacobinos.

—Então, colega, disse Billaud quando entrou. O comissário desta secção, a quem encontrei à porta de sua casa, contou-me o que acaba de acontecer aqui.

—Hás de confessar que é curioso que seja exactamente em casa dum membro da Montanha que se encontre um depósito de punhais realistas.

—O facto está explicado por sua natureza: o colega recebeu uma caixa em depósito, sem saber o que nela se continha... nada mais simples.

—Julga, meu caro colega, que assim tenha também parecido ao comissário?

—Nem podia deixar de ser assim. Mas, aqui para nós, o colega mostrou-se dum rigor demasiado para com sua mulher.

—Pois também sabe?... —Sei que reclamou a prisão dela, e que exigiu dois guardas que acabo de ver no quarto vizinho. Acho excessiva semelhante precaução.

—Não aprova esta medida, Billaud-Varenne, o homem de ferro?...

—Reprovo completamente o seu procedimento, meu caro colega. Há deveres penosos a que a gente deve resignar-se, mas há rigores inúteis que ninguém deve empregar contra os seus. Este é o meu modo de ver.

Billaud-Varenne, não dando ou fingindo não dar pela inquietação que as suas palavras produziram no espirito de Desmarais, continuou:

—Mas falemos do assunto que me trouxe aqui. Venho agora dos jacobinos, onde estive com S. Just. Ele mostrou-se reconhecido pelas propostas que lhe fiz em seu nome, a respeito dos projectos de casamento de sua encantadora filha com ele; mas recusou-se a contrair um enlace qualquer.

—Recusa? murmurou Desmarais eléto e consternado. Talvez essa recusa não seja irrevogável.

—S. Just nunca volta atrás quando toma uma resolução.

—Mas poderei ao menos saber a causa dessa recusa? Responda à minha pergunta, meu caro colega.

—S. Just dar-se-ia por muito feliz em unir-se à sua família, colega, se a sua filha o quisesse para seu marido; mas pensa que nas graves circunstâncias em que estamos, um homem público deve conservar-se completamente livre, para se poder consagrar por completo à causa pública. Quere estar pronto para todos os sacrificios, mesmo para o da própria vida.

—Talvez S. Just pense que minha filha não foi educada com os princípios do puro civismo; e, se ele me olhasse como um melhor patriota, talvez fôsse outra a sua resposta.

—Ora o colega é um homem singular... Na Constituinte, votou sempre com a extrema esquerda; nos jacobinos, ouvi-o fazer as propostas mais revolucionárias; na Montanha, vota connosco... e ainda parece temer que suspeitem da sinceridade das suas convicções!

—É porque havia eu de tener semelhante coisa? —A essa pergunta não me pertence responder.

—Nesse caso, respondo eu, e a resposta é bem simples, meu caro Billaud: a Revolução é e deve ser para nós, que lhe somos dedicados, como uma amante ciumenta, exigente... e eu receio sempre ter feito pouco por ela, e ser acusado de tibieza.

Depois, querendo interromper uma conversação que lhe desagradava e ocultar o desapontamento que lhe causara a recusa de S. Just, o sr. Desmarais acrescentou:

—Que se conta de novo lá pelos jacobinos?

—Houve um discurso que durou apenas um quarto de hora, e que produziu no auditório uma sensação inexprimível.

—A que propósito foi esse discurso?

—A propósito da pena que se há de aplicar a Luís XVI.

—Quem foi o orador?

—Um mancebo que me honrou de contar no número dos meus amigos, porque a sua modestia está a

par do seu patriotismo e do seu mérito. Nós já lhe quisemos dar uma candidatura para a Convenção, mas ele recusou, e só consentiu em exercer funções municipais.

—Esse patriota é João Lebronn.

—Exactamente, foi ele o orador.

—E' meu discípulo, meu querido discípulo! exclamou Desmarais. Fui eu que fiz a sua educação revolucionária.

—Esse mancebo, duma natureza ardente e generosa, mas terna e delicada, segue sempre a mesma linha de conduta: justiça e moral eterna. E' um espirito elevado. Marat e Robespierre felicitaram-no pelo seu discurso. Eis como ele concluiu:

—«Luís XVI nasceu bom, humano, dotado de boas qualidades pessoais. Vejamos agora o que há de perverso, corruptor e de detestável na própria essência da realza: foi ela quem fez desse homem, que podia ser bom, um traidor, um perjuro, um assassino, um parricida que armou contra a mãe pátria os exércitos estrangeiros e os emigrados! Ah! cidadãos! o julgamento e o castigo desse grande criminoso deve ser a condenação, não tanto do homem, não tanto do rei, mas da realza! O machado que fizer cair a cabeça de Luís XVI decapitará nele a monarquia e essa dinastia de raça estrangeira há tantos séculos imposta à Galia pela violência e pela conquista!»

—Soberbo! exclamou o advogado. Admirável! Eis o fruto das minhas lições.

—O seu discípulo, numa hábil peroração, opôs aos dias de Setembro a condenação jurídica de Luís Capeto. «Antes de 10 de Agosto, os crimes de Luís XVI eram notórios: já ele merecia a morte. Imaginem que o povo, na sua cólera, tinha feito justiça sumária ao criminoso; imaginem que Luís XVI tinha sido morto durante a insurreição; comparem esta morte, quasi furtiva, com o grandioso espectáculo que a Convenção vai oferecer ao mundo, à face de Deus e dos homens! Um povo, tranqüilo na sua soberania, acusando, julgando e condenando, em nome da lei, um cri-

A BATALHA

Os dois aspectos mais expressivos de um país inculto e abandonado são a burocracia e a emigração.



QUESTÕES DE ACTUALIDADE

MATERIALISMO E IDEALISMO

Mil vezes se tem constatado que os homens, antes de alcançarem a verdade, isto é, aquela soma de verdade relativa, alcançável nos diversos momentos do seu desenvolvimento intelectual e social, caem, às vezes, nos mais variados erros, olhando as coisas, ora dum lado, ora do outro, e saltando assim dum extremo ao extremo oposto.

E' um fenómeno deste género, e que interessa altamente toda a vida social contemporânea, o que eu quero examinar agora.

Há poucos anos todos eram «materialistas». Em nome duma «ciência» que era a dogmatização de princípios gerais, sacados de incompletíssimos conhecimentos positivos, pretendia-se explicar toda a psicologia humana e toda a complicada história da humanidade pelas simples necessidades materiais elementares. No «factor económico» residia tudo: o passado, o presente e o futuro. Todas as manifestações do pensamento e do sentimento, todas as vicissitudes da vida, amor e ódio, boas e más paixões, condições da mulher, ambição, ciúme, orgulho de raça, relações de toda a ordem entre indivíduos e povos, guerra e paz, submissão ou revolta das massas, constituições várias da família e da sociedade, regimes políticos, religião, moral, literatura, arte e ciência, tudo, enfim, não era senão uma simples consequência do modo de produção e distribuição que prevalecia em cada época. E os que tinham uma concepção mais ampla e menos simplista da natureza humana e da história, eram considerados, tanto no campo conservador como no campo revolucionário, como gente atrasada e sem «ciência».

Este modo de ver, influído, naturalmente, na conduta prática dos partidos, levando a sacrificar os mais nobres ideais aos interesses materiais e às questões económicas, a miude de mínima importância.

Hoje a moda é outra. Hoje todos são «idealistas». Cada um afecta desprezar o «materialismo» e trata do homem como se fosse um puro espírito. Para o qual, comer, vestir e satisfazer as necessidades fisiológicas são coisas mínimas a que não se deve prestar atenção, sob pena de decadência moral.

Não me occupo aqui desses pomposos burlescos, para quem o «idealismo» não é mais do que hipocrisia e instrumento de lógron; também não me occuparei do capitalismo que prega aos operários o sentimento do dever e do espírito de sacrifício, para poder, sem resistência, reduzir os salários e aumentar os lucros pessoais; nem do «patriotismo» que, cheio de fervor, amor pela pátria e espírito nacionalista, procura devorar a sua pátria, e se for possível, a pátria dos outros; nem do militar que, pela glória e pela honra da sua bandeira, explora os vencidos, oprimindo-os e esmagando-os.

Escrevo para a gente sincera, especialmente para aqueles companheiros nossos que, tendo observado que a luta pelas melhorias económicas tinha concluído por absorver toda a energia das organizações operárias, até sufocar toda a sua potencialidade revolucionária, e vendo agora a grande maioria do proletariado deixar que, docilmente, lhe arrebatem todas as garantias de liberdade e de pensamento, com a vã esperança de ter o trabalho assegurado e boa paga, esses companheiros, embora contrariando-se, mostram tendências a abandonar, por desgosto, toda a preocupação e toda a luta económica, para restringir, ou elevar, se assim o preferem, a nossa actividade ao campo da educação e da luta propriamente revolucionária.

O problema principal, a necessidade fundamental, é a da liberdade — dizem eles. A liberdade não se conquista nem se conserva senão através de lutas fatigantes e de sacrifícios cruéis. E' preciso, então, que os revolucionários não dêem importância às pequenas questões de melhorias económicas, e que combatam o egoísmo dominante no seio das massas, propagando o espírito de sacrifício. E que, em vez de prometer «boas conquistas», inspirem nas multidões o santo orgulho de sofrer por uma causa nobre.

Estou perfeitamente de acordo. A liberdade, a liberdade integral e completa, é, certamente, a conquista essencial, visto que ela é a consagração da dignidade humana e é o único meio pelo qual se pode e se deve

ver resolver os problemas sociais em benefício de todos. Mas a liberdade é apenas uma palavra, vazia de sentido; quando não é acompanhada pela potência, isto é, pelos meios que permitam exercer a própria actividade.

Uma máxima — o pobre é escravo, continua a mostrar o seu princípio de verdade, embora igualmente seja certa a outra máxima de que, quem é escravo ou se torna pobre, perde todas as características do ser humano.

As necessidades materiais e a satisfação da vida vegetativa, são coisas de ordem inferior e talvez desprezíveis; mas constituem a base necessária de toda a vida superior, moral e intelectual. Vários motivos, de natureza diversa, movem o homem e determinam o curso da história, mas... é necessário comer. «Primeiro viver e depois filosofar».

Um bocadinho de tela, uma pinga de óleo e umas poucas de terras coloridas, são, para o nosso sentimento estético, bem mais coisa em presença dum quadro de Rafael. Todavia, sem essas coisas materiais e relativamente sem valor, Rafael não teria podido realizar o seu ideal de beleza.

Ei supponho que os «idealistas» são pessoas que comem todos os dias e que têm sempre uma razoável certeza de comer no dia seguinte. E é natural que seja assim, porque, para poder pensar, para poder aspirar a coisas elevadas, é indispensável um certo mínimo, embora inferioríssimo, de bem estar material. Houve, e há, homens que se têm elevado ao mais alto cume do sacrifício, homens que afrontam serenamente a fome e a tortura e que continuam lutando heroicamente, entre os mais horribes sofrimentos, pelo triunfo das suas ideias: — mas são homens que se desenvolveram em condições relativamente favoráveis e que puderam acumular uma soma de energia latente que se manifesta com rapidez, quando a necessidade assim o requer. Pelo menos é esta a regra geral.

Eu frequentei, há muitos anos, organizações operárias, grupos revolucionários, sociedades educativas, e tenho visto sempre que os mais activos, os mais energéticos, são aqueles que se encontram em melhores condições económicas e que são atraídos, mais do que pela necessidade, pelo desejo de cooperar numa obra boa, sentindo-se, por isso, enobrecidos por um ideal. Os verdadeiros, os autênticos miseráveis, isto é, aqueles que parecem mais directos e mais imediatamente interessados numa mudança das coisas, esses brilham pela sua ausência ou representam uma energia passiva.

Recordo-me do quanto era difícil e estéril a propaganda em certas regiões da Itália, há 30 ou 40 anos, quando os trabalhadores dos campos e uma boa parte dos operários das cidades, viviam em condições verdadeiramente críticas, que eu desejaria ver suprimidas, muito embora hoje não me faltassem razões para temer um retorno a elas. Também vi movimentos populares, provocados pela fome, acalmarem-se de repente com a abertura de algumas cozinhas económicas e com a distribuição dum punhado de moedas.

Deduzo, do exposto, que à frente de tudo está a ideia que deve imperar sobre a vontade; mas que são necessárias certas condições para que a ideia possa nascer e agir.

Por conseguinte, fica confirmado o nosso velho programa, que proclama a indissolubilidade da emancipação moral, política e económica, e a necessidade de colocar a massa em tais condições materiais que lhe permitam o desenvolvimento das necessidades idealísticas.

Portanto: lutar pela emancipação integral, e esperar e preparar o dia em que ela seja possível; arrancar ao governo e aos capitalistas todas as vantagens políticas e económicas que possam melhorar, para nós, as condições da luta e aumentar o número dos que lutam conscientemente. E, é claro: essas vantagens devem ser arrancadas por meios que não impliquem o reconhecimento das instituições governativas actuais, antes preparem o caminho do futuro.

Propaganda, sim, o sentimento do dever e do espírito de sacrifício, é nobre. Mas, recordemo-nos sempre que o exemplo é a melhor das propagandas, e que mal se pode pretender dos outros aquilo que nós próprios não queremos fazer.

Errico MALATESTA

LITTERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO

Maximo Gorki	6800
Como se forja um Mundo Nuevo	6800
Cuentos de Italia	6800
La vida de um Hombre innecesario	6800
Wladimiro Korolenko	6800
El Imperio de la Muerte	6800
Dr. G. Feydoux	10500
La vida tragica de los Trabajadores	10500
Jean Masestian	10500
La Educacion Sexual	9800
El matrimonio, el amor libre y la libre maternidad	9800
E. Reclus	6800
La Montaña	6800
El Arroyo	6800
Octavio Mirbeau	6800
El Calvario	6800
P. Krapotkin	6800
La etica, la revolucion y el Estado	6800
Luis Fabry	6800
Crítica revolucionaria	6800
H. Malatesta	6800
Ideário	6800
F. Dostoyevsky	9800
Los Hermanos Karamazov	9800
Trotsky	5800
Constitución política de la República de los Soviets	5800
G. Williams	1800
O congreso da Internacional Sindical Vermelha	5800
C. de G. O. N. M. — Proclamação consciente	5800

LA NOVELA SOCIAL

Interessante coleção de 10 novelas colaboradas por um bom numero de escritores revolucionários — Preço 10500

Pedidos à administração de A BATALHA

SECCAO DE LIVRARIA DE "A BATALHA" PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS

Organização Social/Sindicalista	3800
Antonelli — A Russia bolchevista	2500
Curia Merlier — A razão dum padre	5800
Dufour — O sindicalismo e a próxima revolução (2 volumes)	8800
Emilio Bossi — Cristo nunca existiu	6800
Geo Williams — Relatório dos delegados do I. W. W. ao congreso da L. S. V. de Moscou	1800
Gustavo Le Bon	1800
As primeiras consequências da guerra	8800
Ensinamentos psicológicos da guerra europeia	8800
Leis psicológicas da evolução dos Povos (etc.)	6800
Guyau — Ensaio duma moral sem obrigação nem sancção	5800
Educación e Hereditariedade	4800
Hamel	5800
A conferência da paz e a sua obra	5800
As lições da guerra mundial	8800
O movimento operário da Grã-Bretanha	5800
Psicologia do socialista-anarquista	5800
A crise do Socialismo	5800
A psicologia do militar profissional	5800
Henrique Leone — O Sindicalismo	4800
Heliodoro Salgado	10800
O culto da Imaculada	5800
Jean Grave	5800
A sociedade futura	4800
O individuo e a sociedade	4800
Joseph J. Ettor — Unionismo industrial	5800
Julio Guesde — A lei dos salários	5800
Justus Ebert — Os L. W. W. na teoria e na prática	3800
Kropotkin	1800
Anarquismo, sua filosofia e seu ideal	10800
A Grande Revolução (2 vol.)	5800
A moral anarquista	5800
Os bastidores da Guerra	5800
O Estado e o seu papel histórico	1800
Lazare — A Liberdade	5800
N. Lénine — Os problemas do poder dos Soviets	1800
O Estado e a Revolução	4800
Landauer — A Social Democracia na Alemanha	5800
Manuel Ribeiro — Na linha de fogo	3800
Marx — O Capital	5800
Melchior Inchofer — Monarquia jesuitica	3800
Nietzsche	4800
Anti-Cristo	4800
Genealogia da moral	4800
Meno Vasco — Ao Trabalhador Rural	3800
Georgicas	3800
Concepção Anarquista do Socialismo	3800
A greve dos inquilinos	1800
Novikov — A emancipação da mulher	4800
Pataut e Pouget — Como faremos a revolução	4800
Perfeito de Carvalho — Notas e comentários	1800
Sebastião Faure — Doze provas da existência de Deus	1800
Tomás de Fonseca — Sermões da Montanha	12800

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuais de officios	
Galvanoplastia	18000
Motors de explosão	20800
Navegante	16800
Cimento armado	25800
Construção Civil	
Acabamentos das construções	16800
Alvenaria e Cantaria	13800
Edificações	13800
Encanamentos e salubridade das habitações	13800
Materiais de construção	20800
Terraplenagens e alicerces	13800
Trabalhos de Carpintaria	16800
Diversas indústrias	
Condutor de Máquinas	20800
Foguetes	16800
Formador e estuador	12800
Fundidor	13800
Pilagem	16800
Industria alimentar	12800
Industria do vidro	12800
Elementos gerais	
Algebra elementar	13800
Arithmetica pratica	15800
Desseno linear geometrico	12800
Elementos de electricidade	20800
Elementos de fisica	12800
Elementos de Mecanica	12800
Elementos de Modelação	16800
Elementos de Projectos	12800
Elementos de Quimica	12800
Geometria plana e no espaço	13800
Fabricante de tecidos	13800

NOTÍCIAS DO ESTRANGEIRO

A efervescência nacionalista dos chineses contra o imperialismo estrangeiro

O imperialismo estrangeiro é o inimigo que os chineses combatem com maior encarnização. Na China, há anos, guerreiam-se grandes exércitos, cujos chefes procuram servir os seus interesses ou as suas crenças. Mas todas as facções em luta se juntam instintivamente quando se tenha de guerrear o estrangeiro.

A xenofobia dos chineses manifesta-se consoante as condições sociais. O povo exerce uma acção violenta contra as pessoas e contra as propriedades do estrangeiro. Os políticos do Estado empregam as armas da diplomacia.

Enquanto as populações expulsam ferozmente os estrangeiros, assaltando-lhes as propriedades e ameaçando-lhes a vida, o governo vai denunciando os tratados que submetem a China ao jugo político, económico e financeiro do intruso.

A característica destes tratados é a unilateralidade. Em todos os tratados, inclui-se uma disposição que permite ao outro governo iniciar negociações que modifiquem qualquer cláusula, sob prévio aviso, ao fim de dez anos. Se o tratado não tiver sido denunciado, após dez anos em vigor, será implicitamente entendido como prorrogado por mais dez anos.

Mas o governo da China não tinha a facilidade de denunciar um tratado e, por consequência, o mesmo tratado vigorava enquanto conviesse à potência estrangeira. Assim, o governo chinês ficava eternamente agrado a um compromisso tomado em má situação.

O imperialismo estrangeiro não se achava muito interessado em denunciar ou modificar os tratados, todos eles sendo antiquíssimos.

A efervescência nacionalista dos chineses fez apressar, com fúria indomável, a doutrina de Monroe. E desde que os patriotas clamam que a China deve ser para os chineses, defendeu-se, na diplomacia e na guerra, o direito de a China firmar tratados bilaterais e constituir-se como nação independente, tendo, à sua maneira, governo, autoridade, diplomacia, capitalismo, exércitos e navios, e ter igualmente quem a tudo isso se opuzesse.

A Bélgica foi o primeiro país capitalista a ver denunciado um tratado unilateral. O facto foi encarado «intranquilamente», pela imprensa burguesa e pelos governos do capitalismo, como um precedente que determinava e afirmava procedimentos futuros dos chineses contra as concessões internacionais, a pesar do estado de guerra civil em que se debate a China e das forças militares e navais que as potências ameaçam.

Em Outubro último, a China denunciou o tratado com a Bélgica e propoz negociações para a sua modificação. O capitalismo belga, e o governo também, ficaram muito surpresos porque a China invocava por si um direito que os outros não lhe reconheciam.

O governo chinês, porém, dava uma interpretação tão formal à proclamada bilateralidade dos tratados que o governo belga pretendeu levar a questão a um tribunal internacional de justiça. Mas o governo chinês recusou e considerou caduco o tratado.

O precedente para a anulação de todos os tratados ficou aberto. A efervescência nacionalista da China provoca agora os ódios e as invectivas do capitalismo estrangeiro.

Faleceu o sr. Krassine

O embaixador soviético succumbiu a uma anémia

LONDRES, 24.—Faleceu esta manhã o sr. Krassine; embaixador dos soviéticos. Krassine sofria há dois para três anos duma profunda anémia, e havia ocupado o seu posto em Setembro do ano passado. — (L.)

N. da R.—O sr. Krassine era dos diplomatas bolchevistas mais considerados. Foi ele que contribuiu muito para o restabelecimento de relações diplomáticas com a Inglaterra, em 1921. Então, desembarcou de bordo do couraçado soviético *Lénine*, o primeiro navio de guerra bolchevista que entrou em portos europeus. A sua missão junto do governo inglês obteve um êxito lisonjeiro para a política externa do bolchevismo, podendo considerar-se o início do reconhecimento da U. R. S. pelas potências estrangeiras.

Um pormenor

LONDRES, 24.—O sr. Krassine, falecido esta manhã, ao apresentar as suas credenciais de embaixador soviético no fim de Setembro último, exprimiu o desejo dum bom desenvolvimento das relações anglo-russas.

Este desejo foi reciprocamente afirmado pelo sr. Chamberlain, que lhe demonstrou ser necessário, como medida preliminar, o cumprimento do tratado de comércio negociado com o governo britânico pelo próprio Krassine em 1924. — (L.)

Os sanitamentos oficiais do governo inglês

LONDRES, 24.—O sr. Chamberlain exprimiu na câmara dos Comuns os seus sentimentos pela morte de Krassine, encarregado dos negócios dos Soviets. Respondendo a uma interperelação sobre as relações com os Soviets, o ministro dos estrangeiros declarou que mais uma vez bem recentemente fizera sentir a Krassine que a propaganda desenvolvida pela Rússia era o principal obstáculo ao desenvolvimento das relações entre os dois países. Os jornais, nas suas notícias necrológicas, apreciam os esforços de Krassine, para colocar as relações do seu país com a Inglaterra no melhor pé, embora fossem prejudicados com o envio de dinheiro russo para os mineiros, auxiliando assim uma questão industrial absolutamente interna. — (L.)

Em torno da Alemanha

O pacifismo dos franceses

PARIS, 24.—O sr. Briand discursando na comissão parlamentar dos negócios estrangeiros expoz as linhas gerais da sua política externa, declarando ter a intenção de criar uma atmosfera pacífica para as relações franco-alemãs. O ministro confirmou que o incidente franco-italiano, recentemente levantado, foi amigavelmente resol-

vido. O sr. Briand declarou especialmente que a política de Locarno e Thoiry foi concebida para completar o tratado de Versaíles, dentro do espírito da Sociedade das Nações. — (L.)

As conversas dos ingleses

PARIS, 24.—O sr. Chamberlain, ministro dos negócios estrangeiros da Grã-Bretanha, virá a esta cidade no dia 4 de Dezembro próximo, a fim de conferenciar com o sr. Briand acerca das questões técnicas da próxima sessão da Sociedade das Nações, especialmente as relativas ao desarmamento e à fiscalização militar da Alemanha. — (L.)

Os discursos dos alemães

BERLIM, 24.—O sr. Stresemann discursou ontem no Reichstag acerca do desarmamento da Alemanha, que considera incompatível com o pacto de Locarno, com a entrada do Reich na Sociedade das Nações e com o prosseguimento da fiscalização militar. Estando a Alemanha disposta a cumprir todas as leis emanadas de tratados deve ser excluída a intervenção da Sociedade das Nações na sua política externa. O ministro dos estrangeiros afirmou mais uma vez a necessidade de evacuar as províncias do Reno e do Sarre, substituindo a ocupação militar por um cordel acordo com a França. — (L.)

Varrendo a testada

BERLIM, 24.—O sr. Gessler, ministro da defesa, confirmou ontem no Reichstag as suas anteriores declarações, negando que as sociedades desportivas tenham qualquer ligação com a «Reichswehr». — (L.)

Afirmações do sr. Stresemann

BERLIM, 24.—Nas suas declarações feitas ontem perante a comissão dos negócios estrangeiros do Reichstag, o sr. Stresemann afirmou muito claramente: «Tendo o Reich cumprido as condições que permitem o desaparecimento da fiscalização militar, o desarmamento está efectivado, o governo velará pela aplicação da nova ordenação relativa às associações patrióticas, mas não permitirá que estrangeiros delas se venham ocupar. As questões do direito de investigação da Sociedade das Nações e a dissolução da comissão inter-aliada de fiscalização militar, devem ser separadas. As relações franco-alemãs continuam sendo a pedra angular da consolidação da paz europeia. — (L.)

Exposição do sr. Briand

PARIS, 24.—O sr. Briand expôs hoje perante a respectiva comissão da câmara dos deputados, que o ouviu sobre política externa, que a França e a Alemanha se esforçam por concluir convenções particulares tendo em vista o apasiguamento dos espíritos. — (L.)

A sociedade burguesa

Canto argentino

BUENOS AIRES, 24.—O presidente Alvear recebeu em audiência solene o novo núncio apostólico, monsenhor Cortesi, que lhe apresentou as suas credenciais, e trocando-se algumas palavras de grande cordialidade. — (L.)

O lugar comum da solenidade

LONDRES, 24.—Os jornais comentam largamente o relatório final da conferência imperial, sendo unânimes em registar o espírito de solidariedade demonstrado em todos os trabalhos e em louvar as sólidas bases que ficam constituindo os alicerces do império britânico. — (L.)

Um enfiado

PARIS, 24.—O sr. Berenger declinou a oferta que lhe foi feita pelo governo para renovar, por seis meses, a sua missão de embaixador em Washington, considerando ter terminado a sua tarefa junto do gabinete norte-americano, e da qual se incumbira. — (L.)

O mundo em guerra

Revolta na Albânia

BELGRADO, 24.—Na Albânia setentrional deu-se uma nova revolta, sem graves consequências. Atribuindo-se a revolta a um chefe de nome Dukadji, onde iniciou a marcha sobre Tirana. O governo iugoslavo ordenou a todas as autoridades da fronteira que intensifiquem a sua vigilância, desarmando todos os insurrectos que a tentem atravessar. — (L.)

Pacifismo à imperial

TANGER, 24.—As tropas espanholas pacificaram por completo a região da tribo dos Beni-Ider, no Djeballa, estando agora a concentrar forças para prosseguir o avanço no território dos Beni-Aros. — (L.)

Uma batalha decisiva na China

XANGAI, 24.—Espera-se que uma batalha decisiva seja travada dentro de pouco tempo, determinando por uma vez se a China fica sob o domínio dos comunistas cantonenses, ou dos reacçãoários de Mukden, como resultado da recente conferência militar de Tien-Tsin. — (L.)

FESTAS ASSOCIATIVAS

Secção Profissional dos Garpinteiros Civis

Comemorando o 4.º aniversário da Secção dos Carpinteiros realiza-se uma sessão de propaganda associativa em que tomam parte delegados da Construção Civil, C. S. T., C. G. T. e outros organismos. Para o mesmo efeito esta Secção faz distribuir um manifesto convidando o operariado em geral a assistir à dita sessão que tem lugar, na próxima segunda-feira, na sua sede, Calçada do Combro, 38-A, 2.º.

“Educação Social”

Revista de pedagogia e sociologia
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
Publicação mensal

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limit. — R. dos Retirozinhos, 125 — LISBOA.
A venda na administração de «A Batalha».

Vida Sindical

C. G. T.

Conselho Jurídico
Hoje, pelas 21 horas, o advogado dr. Sobral de Campos dá consultas jurídicas a todos os operários que apresentem as suas cadernetas confederais em dia.

Conselho Confederal
Reúne amanhã, pelas 21 horas, o Conselho Confederal para continuação dos trabalhos.

Câmara Sindical do Trabalho

DE LISBOA

Comissão de Estudo da Crise e Horário de Trabalho

Reúne, amanhã, na C. S. T., pelas 21 horas, a comissão nomeada na última reunião do Conselho Geral, que é composta por António Sousa, Francisco Fernandes, Gomes Amarel e Eduardo Ortiz.

Comunicações

Sindicato da Construção Civil — Conselho Técnico — Em assembleia geral voltaram a reunir os operários desta secção da Construção Civil. Em primeiro lugar foi discutida a falta de cumprimento da lei dos acidentes de trabalho, por parte dum sindicato, sendo resolvido convidar o sócio nessas condições a comparecer numa reunião da comissão administrativa, para em deliberação se esclarecer o assunto.

Na parte referente à crise de trabalho foi novamente ventilado o facto da morosidade com que a câmara trata dos projectos e licenças para obras com prejuizo dos desocupados.

Vários sindicatos se referiram à acção noutro tempo desenvolvida pela indústria em épocas de crise, e foram feitas largas referências sobre o esforço desenvolvido pelo Sindicato e Federação de Indústria para resolver a crise junto da câmara, proprietários e do governo, sem que algo de prático se tenha conseguido, a não ser promessas, chegando-se à conclusão que somente uma acção enérgica por parte do operariado conseguirá que as entidades acima mencionadas tenham em atenção os pareceres apresentados pela organização, cujas conclusões uma vez postas em prática resolvam de momento a crise.

Passando-se à apreciação do assunto para o qual tinha sido convocada a assembleia, o secretário lê os extratos do jornal a «Comuna» do Porto, a propósito dos quais a comissão administrativa tinha resolvido suspender a assinatura do referido jornal. Este caso levantou discussão por parte de vários sócios, sendo todos unânimes em reconhecerem a necessidade de algo se fazer com o objectivo de levantar o moral da organização operária, pondo de parte tendências ideológicas, e resolvido levantar a suspensão do jornal em referência.

Por último foi aprovado que somente fosse nomeado um delegado ao C. T., rejeitando a nomeação no camarada Olimpio Andrade.

Litógrafos e Anexos. — Em reunião conjunta das comissões administrativa, de propaganda e educação deste organismo foi apreciado, entre vários assuntos a resolução do Conselho Confederal aprovando a moção António Monteiro. Como a orientação dos delegados da Federação do Livro e do jornal está em discordância com a orientação deste sindicato resolveu não apoiar aquela atitude retirando a confiança aos referidos delegados.

Convocações

REUNEM HOJE:

Federação do Ramo de Alimentação — A Comissão Executiva para tratar assuntos de resolução inadiável, pelas 18 horas.

Cabouqueiros e Fabricante de Cal. — A assembleia geral, pelas 21 horas.

S. Unico Metalúrgico. — Secção do Alto do Pina. — Pelas 20,30 horas, a comissão reorganizadora.

Vendedores de Jornais. — Pelas 16 horas, a assembleia geral para um assunto de muita importância.

S. U. da Construção Civil. — Secção do Alto do Pina. — Pelas 20 horas, a comissão administrativa.

Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pina. — Pelas 21 horas, para tratar de assuntos de grande importância.

S. U. do Mobilário. — A comissão administrativa, às 20,30 horas, para continuação de trabalhos.

Federação Metalúrgica. — Conselho Federal. — Pelas 20 horas, para resolver sobre a posição que os seus delegados tomarão no último Conselho Confederal.

Federação da Construção Civil. — Para tratar de diversos assuntos que exigem imediata solução, pelas 21 horas, o Conselho Federal.

Federação do Livro, do Jornal e Similares. — O secretariado às 21 horas.

Uma festa

em favor da Associação do Operariado de Oeiras

No sábado 11 de Dezembro, às 21,30 horas, no Eden de Santo Amaro de Oeiras, terá início a festa que ali se realiza em favor da Associação de Classe do Operariado de Oeiras, promovida por uma comissão de operários.

Para essa festa foi escolhido o programa seguinte: 1.ª parte: representação, pelo Grupo Solidária Operária, do drama em 3 actos «A Mãe Sinha»; 2.ª parte: «Port-Pourri da «Juva Alegre»», executado pela excelente banda da Academia Instrução Musical Oeirense; 3.ª parte: conferência pelo nosso camarada de redacção Mário Domingues; 4.ª parte: canção nacional pelos cultores Artur Pinho, João Martins do Carmo e David da Costa e variações à guitarra pelo guitarrista Aires Baptista e seu violão; 5.ª parte: baile abrilhantado por um grupo da academia.

FIGUEIRA DA FOZ
A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Figueira da Foz, na rua da República, 132.

Câmara Municipal de Lisboa